

Entre Requebrados, Batuques e Liberdades

: música, festa e mulher negra no imediato pós-Abolição em Belém-PA (1888-1889)

Camila Nathália Santos Zacarias

Graduanda em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo

A segunda metade do século XIX foi palco de significativas transformações em variados âmbitos do corpo social no Brasil, sobretudo, as mudanças das estruturas e das relações sociais — evidenciando a abolição da escravidão em 1888. Tendo em vista, que os jornais ocupavam locais de influência, como vinculador das opiniões, desenvolve-se aqui um estudo através de fontes jornalísticas investigando a presença pública da população negra e mestiça no imediato pós-abolição (1888-1889) na cidade de Belém-PA, buscando vestígios que demonstram a movimentação dos populares e averiguando as visões de jornalistas e literatos, atentando em especial, para uma análise social da mulher negra nas manifestações musicais e festivas. Neste contexto, a população negra já marcava sua presença em meio a tentativas de invisibilização e opressão, pautando sua existência e resistência, cotidianamente, não só através de um movimento organizado — como eram as associações abolicionistas brancas — mas, utilizando de seus corpos, crenças e tradições. Tais indivíduos empregaram variados usos da música e da festa, utilizando não só como meio de entretenimento, mas como instrumento expressivo, político e estratégico.

Palavras-chave Música– Festa – Mulher negra– Pós-abolição – Batuque.

Submissão

03/10/2023

Aprovação

13/04/2024

Publicação

05/06/2024

Amongst Jiggles, Drum Playing and Freedom: music, party and black woman in the immediate post-Abolition in Belém-PA (1888-1889)

Abstract

The second half of the XIX century was the stage for significant transformations in several areas of the social realm in Brazil, especially the changes in social structures and relationships - highlighting the abolition of slavery in 1888. Considering that newspapers occupied places of influence, as a linker of opinions, here we develop a study based on journalistic sources, investigating the public presence of the black and mestiço population in the immediate post-abolition (1888-1889), in the city of Belém-PA, looking for traces that demonstrate the movement of the popular and ascertaining the views of journalists and literati, paying special attention to a social analysis of the perceptions of journalists and writers over black women in musical and festive manifestations. In this context, the black population already marked their presence against attempts of invisibilization and oppression, guiding their existence and resistance, daily, not only through an organized movement - as were the white abolitionist associations - but, using their bodies, beliefs and traditions. Such individuals employed various uses of music and festivities, using it not only as a means of entertainment, but as an expressive, political, and strategic instrument.

Keywords Music – Party – Black Woman – Post-Abolition – Batuque.

Entre Tamboleos, Tambores y Libertad: música, fiesta y mujer negra en el inmediato post-Abolición en Belém-PA (1888-1889)

Resumen

La segunda mitad del siglo XIX fue el escenario de importantes transformaciones en diversas esferas de la sociedad brasileña, especialmente de cambios en las estructuras y relaciones sociales, entre los que destaca la abolición de la esclavitud en 1888. Teniendo en cuenta que los periódicos eran influyentes en la fijación de opiniones, este estudio utiliza fuentes periodísticas para investigar la presencia pública de la población negra y mestiza en el período inmediatamente posterior a la abolición (1888-1889) en la ciudad de Belém-PA, buscando rastros que muestren el movimiento de la gente e investigando las opiniones de periodistas y escritores, prestando especial atención a un análisis social de las mujeres negras en eventos musicales y festivos. En este contexto, la población negra ya hacía sentir su presencia en medio de los intentos de hacerla invisible y oprimida, y basaba su existencia y resistencia en el día a día, no sólo a través de un movimiento organizado -como las asociaciones abolicionistas blancas-, sino utilizando sus cuerpos, creencias y tradiciones. Estos individuos utilizaban la música y las fiestas de diversas maneras, no sólo como medio de entretenimiento, sino también como instrumento expresivo, político y estratégico.

Palabras clave Música – Fiesta – Mujeres Negras – Post-Abolición – Batuque.

Os batuques na cidade e os ideais da república: as relações sociais no pré-abolição

Na passagem do século XIX para o XX ocorreu um trânsito de mudanças no âmbito político, econômico e social orientadas principalmente pelos princípios de modernidade e civilização, refletindo então na estrutura física das cidades, assim como no modo de vida e nos hábitos da população, com práticas e comportamentos que assegurassem o estabelecimento destas aspirações.¹ Considerando aspectos mais amplos, esta época se destaca como um período de: estabelecimento da terceira república francesa; aumento na industrialização; somado às alterações significativas nas estruturas e relações sociais;² preocupações com cientificidade; e mais evidente nos anos finais deste recorte, a proliferação das noções de modernidade³ e progresso.

Nesse cenário de mudanças, um marco de destaque neste período — e que orientou esta pesquisa — foi a abolição da escravidão no Brasil, em 13 de maio de 1888. Em torno deste feito, muitos interesses se entrecruzam. Comemorações à data foram feitas em muitas cidades brasileiras e várias foram as tentativas de invisibilizar os recém-libertos, até tomando o protagonismo deste momento. Porém, esta pesquisa visa demonstrar que estes indivíduos já se articulavam mesmo antes do 13 de maio, à sua maneira, enfrentando, resistindo e protagonizando a narrativa das suas próprias histórias. Tendo em vista que os jornais ocupavam locais de influência, como vinculador das opiniões, desenvolveu-se aqui um estudo através de fontes jornalísticas, investigando a atuação da população negra e mestiça, atentando em especial, para uma análise social da presença da mulher negra nas manifestações musicais e festivas, no imediato o pós-abolição (1888-1889). O presente artigo leva em conta que tais manifestações culturais são práticas que englobam distintos sentidos, que podem assumir a feição de atos de resistência, afirmação de identidade e cultura frente a medidas repressivas.

1 SARGES, M. de N. *Belém: riquezas construindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3ª edição. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010.

2 LEITE, G. M. *O pensamento social brasileiro no século XIX: a construção do preconceito racial*. Fato & Versões-Revista de História, v. 8, n. 15, 2016. p. 124.

3 SILVA, M. P da.; FRANCO, G. Y. “Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica”. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 4, n. 8, 2010. p. 2.

Este é um momento de transformações em que a camada preta e pobre se articula em defesa de sua sobrevivência, cultura e tradição. Frente ao poder, público junto da elite e seus aliados que se organizavam para reorientar os acontecimentos históricos ao modo de favorecer uma narrativa vantajosa para essa parcela abastada da sociedade, sobretudo, a respeito do aprimoramento das ideias, reforçadas pelo desenvolvimento de teorias científicas, que iriam respaldar como pensar, se portar e agir frente ao novo século que iniciaria. Apesar da premissa de romper com práticas pertencentes a um passado que não teria mais espaço a partir do século XIX, no decorrer deste artigo será possível perceber as dissonâncias entre o ideal que se quis impor e as práticas sociais que persistiram. A partir disso, a civilização europeia era posta como o exemplo mais expressivo do caráter moderno, em contrapartida, a cultura negra seria encarada como primitiva. Gilroy trabalha bem esta questão, inferindo que tais ideias foram embasadas em uma democracia burguesa. Sendo assim, as expressões culturais negras foram categorizadas, no plano das ideias dessa mesma democracia, como uma imagem de subalternidade — em Belém solidificado pelo desenvolvimento da Belle-Époque.⁴

Compreendendo que a história é composta do entrecruzamento de narrativas, neste período os ideais elitistas europeizantes guiaram como a comunidade negra iria ser representada na narrativa histórica traçada pela classe dominante. Contudo, neste trabalho o posicionamento é contrário disso, analisando as manifestações musicais e festivas o objetivo é representá-los na história como uma comunidade ativa, que detinha agência e traçava dinâmicas, demarcando especialmente, a atuação da mulher negra neste cenário. Impulsionando a visibilidade de uma cultura negra fora dos campos de subalternidade.

Visando não considerar apenas os ideais elitistas europeizados que se destacam neste contexto, esta pesquisa adota a posição que seja feita uma reconstrução da história menosprezada das expressões musicais e festivas negras, atentando para agências, dinâmicas e representações — em especial da mulher negra. Averiguando as fontes jornalísticas percebe-se que as manifestações festivas que culminaram no 13 de maio não ocorreram isoladamente de uma só maneira, com um interesse comum. Pelo contrário, para compreendê-las, é proposto uma análise que possa vislumbrar o espaço urbano com uma heterogeneidade ligada ao meio social. Este espaço não é visto apenas como

4 Termo referente ao período de mudanças que remodelaram a cidade pelo viés político, arquitetônico, social, cultural e econômico, uma vez que, a solidificação dessas alterações foi graças ao usufruto da alta nos lucros da extração da goma elástica. Não sendo o bastante, foram feitos empréstimos para sustentar os referentes empreendimentos que se baseavam na civilização europeia como modelo mais expressivo de progresso e requinte. No entanto, cabe problematizar tal termo, dado que, este foi produzido sobre um olhar estrangeiro que submete as particularidades nacionais a um parâmetro regulador europeu. (Ver SARGES, M. de N.. *Belém: riquezas construindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3ª edição. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010).

marco geográfico, mas, como Michel de Certeau aponta, um lugar que vem da prática social, construído por ela. Sendo, assim, um espaço antropológico, vivenciado e praticado pelos indivíduos no cotidiano.⁵

Essa abordagem é tomada aqui como perspectiva inicial, pois se constatou este espaço como um local de vivências diversas, com disputas que, ora se sobrepõem, ora se complementam ou, então, divergem entre si.⁶ Contudo, sempre um local de tráfego de vivências e interesses que demonstram os anseios e ausências nessa cidade pulsante — por mais que ocorram as tentativas para se estabelecer uma ordem comum a ser seguida, como fora a ordem republicana em Belém.

Preliminarmente, o instrumento principal de análise deste(s) espaço(s) são os jornais paraenses do período — *Província do Pará, Jornal das Novidades, Diário de Notícias, Folha do Norte* — visto o poder que detinham na propagação de opiniões, ressaltando como os indivíduos afirmavam suas vivências e existências em um marco que foi a abolição da escravatura. Levando em conta a perspectiva proposta por Marialva Barbosa,⁷ de observar a imprensa visando construir uma história cultural desta é essencial, pois como a autora afirma “a cultura formula as maneiras de pensar”. Com este entendimento, o texto prestará atenção às minúcias quanto ao contexto, produção, propagação, conteúdo e demais pontos referentes aos jornais e a atuação destes dentro do corpo social. Ao adotar tal ótica, foi possível fazer uso dos periódicos que compunham a imprensa belenense nos anos de 1888 e 1889, de modo a perceber os vestígios sobre as manifestações musicais e festivas, que permitiram evidenciar conjuntamente as práticas de mulheres negras dentro deste contexto de pós-Abolição.

Em uma realidade que, devido a uma ordem dominante e opressora, a população negra tinha suas existências consideradas dissonantes, menosprezadas, suas imagens estereotipadas e marginalizadas. Os instrumentos que vão orientar esta análise — problematizando e discutindo a perspectiva encontrada nas fontes —, são uma espécie de bússola musical que vão chamar atenção para os locais onde se ouvia os “batuques”; o conjunto das bandas marciais e principalmente o som do tambor e o dedilhar do

5 DE CERTEAU, M. *Relatos de espaço. A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998 [1990]. p. 199-217.

6 Visto nos batuques que ocorriam nas camadas pobres da cidade — como no bairro da Pedreira — indo até altas horas da madrugada, a demonstração das crenças religiosas e políticas dos indivíduos, além do aspecto de entretenimento; independentemente dos usos, também seria presente o olhar desgostoso das elites sobre estas atividades — como vai ser demonstrado no decorrer desta narrativa. Observamos então um espectro cultural e político diverso que se estrutura no final do século XIX entre a dissolução de uma ordem governamental que foi o período Imperial e as aspirações futuras da ordem republicana que iria se deparar com uma cidade movimentada, em especial pela diversidade, cultural, política e religiosa.

7 BARBOSA, M. *História cultural da imprensa: Brasil-1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

violão. Para que seja viável a aproximação do viés identitário e representativo que vai ser pertinente para estruturar o protagonismo subversivo. A exemplo que estas práticas musicais foram usadas em larga escala pela população negra, sendo frequente em suas manifestações musicais. Somado a um conjunto de elementos desde instrumentos, movimentos, e ações de afirmação, permitindo que seja viável a aproximação do viés identitário e representativo sobre a perspectiva que considera tais ações como dinâmicas afirmativas para estruturar um protagonismo subversivo.

Ao pensar a história social, entende-se a necessidade de compreender como ela é construída, dada e pensada; como fruto dessa discussão, Roger Chartier⁸ discute sobre as representações coletivas no meio social. Dentre os fatores que as configuram, é importante pensar as representações como classificações, da forma que pautam a organização do mundo social por meio da percepção da realidade. Visto que estas podem gerar estratégias e práticas que tendem para que possa exercer autoridade e respeito para legitimar escolhas. À medida que não expressam discursos imparciais, as representações revelam desta maneira vontades e/ou pensamentos, fatores estes, que podem contribuir para se estipular estratégias, estabelecer respeito ou até validar escolhas. É, portanto, possível apreender o "ser-percebido" do indivíduo a parte ou do grupo que são estruturadas por si mesmos ou para o outro. Portanto, pode-se pensar que tais fatores são pertinentes ao analisar a atuação das manifestações negras, que podem ser encaradas como uma maneira de representá-los de maneira individual e ou particular auxiliando na compreensão e percepção do real, por seguinte, auxiliando-os em maneiras de demarcar sua existência e cultura.

Contudo, no campo das representações, podem existir conflitos entre os grupos, onde cada parte tenta impor sua concepção do mundo social. De tal maneira que pode se exemplificar essa questão nas disputas que vão se dar na sociedade, principalmente na virada para o século XX, com a tentativa de predominância das tradições eurocênicas — muitas vezes opressoras — brancas sobre as heranças culturais negras. Essas disparidades podem ser observadas na pesquisa em questão.

No final do século XIX, enquanto era almejado pelo poder público e as elites a aprimoração dos costumes, na prática, esse objetivo não seria alcançado de maneira rápida e pacífica. Nas ruas, nos estilos e gostos havia outros modos de se comunicar e expressar que não iriam se diluir facilmente. Vicente Salles, ao abordar a trajetória de cronistas e viajantes, constatou através dos relatos que o violão e a viola eram

8 CARVALHO, F. A. L. de. "O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier". *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 9, n. 1, p. 149-142, 2005.

instrumentos apreciados pelos negros sendo relacionado a vadiagem dos cativos.⁹ Assim um ponto importante de ação do poder público no período, sobre a perspectiva dominante o termo “vadiagem” era associado ao “não-trabalho”.¹⁰ Contudo, é válido considerar que o termo não pode ser explicado unicamente por tal perspectiva, afinal, esta associação não considera outros modos de vida, em relação a um ofício, não abarca outras formas de trabalho que entravam em desacordo capitalista e moralizadora do período.¹¹ À medida que o capital ditava a novas práticas, o mundo do trabalho também deveria ser otimizado, e a “ociosidade” seria um fator de fuga desse ideal. Portanto, tal fator evidencia práticas de enfrentamento no final do Império, assim como, no decorrer do século XX.

Observar os registros para além da construção dos valores preservados pela elite e constatar as práticas da camada popular dentre as entrelinhas dos escritos noticiados nos jornais, ações estas que mesmo com as tentativas de cerceamento de autonomia e lazer, não faziam cessar as manifestações musicais nas noites belenenses. Antes do 13 de maio, já eram noticiadas nos jornais as práticas dos “serenatários” que vagavam pelas ruas as altas horas da madrugada declarando versos cantados às suas amadas e “saudando a lua”, que na ocasião em questão também ocorreu uma agressão entre os tocadores resultando em um tumulto que deixou a vizinhança desgostosa, ao passo que fosse pontuado que “não seria mal que a polícia pusesse em bom lugar, sempre que os encontrasse, esses impertinentes perturbadores do sossego público”.¹²

Através de registros como estes onde se encontram os “perturbadores do sossego público”, é possível localizar demais ocorrências da própria população ou de registros policiais que eram publicados nos períodos, demarcando estas manifestações que contrariavam a ordem. Aliás, a luz do luar não iluminava apenas os serenatários, como também clareava outras manifestações musicais que ocorriam no restante da cidade,

9 SALLES, V. *Lundu: canto e dança do negro no Pará*. Belém: Paka-Tatu, 2016. p. 23.

10 MORAES, R. F.. “Festas e resistência negra no Rio de Janeiro: batuques escravos e as comemorações pela abolição em maio de 1888”. *Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro*, n. 15, 2018. p. 240

11 Em uma realidade em que o número de libertos se alastrava, para esses trabalhadores restaria a se submeter a assalariamento. Junto com a liberdade não estariam incluídos o domínio dos meios de produção, se conjecturando um cenário que este trabalhador não estaria essencialmente livre da dominância senhorial, tendo que recorrer aos meios que este disponibilizava para garantir a sua sobrevivência. Além do mais, ainda que obtivesse a garantia de um ofício independente deste controle, ainda teria que se adequar a imposição burguesa que delinía um modelo condizente com os ideais preservados no período — ou seja, em defesa dos privilégios da própria elite, posteriormente mantendo esta postura com a instalação do governo republicano. Questão que é mais detalhada na obra de Sidney Chalhoub. Ver CHALHOUB, S. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

12 *FOLHA DO NORTE*, 20 dez. 1886. p. 2

estas que varavam a madrugada e acabavam incomodando os moradores ao redor que logo solicitavam a intervenção do poder policial.

De *Diário de Notícias*, 17 set. 1885, p. 3:¹³

O Batuque

“Ante-hontem, ás 8 horas da noite, o ativo e energético subdelegado do 4º distrito, sr. Lobo de Castro, avisado que continuava o immoral batuque da travessa da Glória, contra o qual clamava justamente toda a vizinhança, ali apresentou-se e fez acabar o pagode e debandar os batuqueiros vadios, perturbadores da tranquilidade pública.

Fez muito bem.

Em nome das famílias, agradecemos.

De *Diário de Notícias*, 27 maio 1885, p. 2:

Cortiço

Em seu noticiário o Belém chamou a atenção da polícia para o cortiço na rua Piedade e Princeza, onde todos os domingos reúne-se meia dúzia de vadios, e procede ao divertimento incômodo e immoral do samba, condenado pelas posturas municipais, acompanhado pelo ruído surdo da pancadaria grossa.

Deve-se compreender o termo “batuque” dotado de um caráter polissêmico, possuindo então inúmeras variações — quando podiam ser relacionados às festas populares abarcando os termos “carimbó, samba e pagode”, como também, englobando o sentido de batucada, ou seja, o uso de instrumentos de percussão no ato de festejar, como é possível observar em tais denúncias, somado ao preconceito, muitas vezes, neste termo seria aglutinado manifestações negras sem distinção, com associações negativas a estas. Salles afirma que os batuques também teriam vários usos: sendo presente nos terreiros, em manifestações pontuadas no calendário católico e para divertimento. Edilson Silva compactua com o autor ao trabalhar com os carimbós em Belém, no quesito de que também afirma que estes fatores tiveram uma associação aos batuques, ao ponto de estarem presentes nas danças rituais e permitindo recompor as tradições africanas, se difundindo nos terreiros.¹⁴

Para além do teor de denúncia, as matérias publicadas nos jornais demonstram a aversão que era alvo a população que não reproduzia os ideais preservados pelas classes dominantes. No entanto, mesmo que fossem retratados em teor de chacota,

13 As fontes utilizadas neste trabalho vão ser apresentadas com a ortografia atualizada para o auxílio da compreensão.

14 SILVA, E. M. C. da. “Carimbós de Belém no Séc. XIX”. *Kwanissa*, São Luís, n. 6, jul/dez, 2020. p. 159.

perturbação ou aversão, ou seja, ainda que houvesse forças contrárias, a vivência e luta por autonomia destes indivíduos seria demarcada. Neste momento, na segunda metade do século XIX estava se estruturando para o que viria ser no próximo século quando a opressão se intensificava moldada por um novo discurso. Estruturava-se o caráter opressor que iria tomar forma no século XX sobre o disfarce de um discurso paternalista e oprimente, visto na reprodução de depreciações e estereótipos, como a recorrência que foi observada na associação do corpo negro a violência e a imoralidade e, estes fatores ainda vão ter um alvo mais expressivo quando associados a mulher negra.

No jornal *Diário de Notícias*, em 1884 foi publicada uma queixa que relatava o “creoulo” Lúcio, este que se assemelha a um sacerdote afro religioso que reúne devotas — tachadas de “mulheres perdidas e desbocadas” — e realiza suas procissões, além de executar a “cura, seguindo-se a ladainha¹⁵ e o batuque, com muita cachaça e indecência até as últimas horas da noite”.¹⁶ Então é possível ter um preâmbulo da rotulação e discriminação que era alvo o povo negro e mestiço — neste momento, quatro anos antes abolição da escravatura — quando a mulher negra também era englobada neste pensamento que diminuía e desrespeitava as mesmas além de sua cultura e religião.

Há, outros pontos possíveis de serem destacados que são banalizados e reinterpretados como dissonantes na perspectiva civilizatória branca. Em uma realidade que incentiva a produtividade de acordo com uma lógica capitalista e conservadora de trabalho, somado a postura controladora e moralizadora burguesa que vai expressar o desgosto de ter sujeitos se manifestando de maneira alternativa deste ideal na cidade, justificando este controle na sentença de “conter excessos” e agir de acordo com a “moral e bons costumes”. As práticas festivas e religiosas negras tinham muitas vezes seus significados esvaziados, prevalecendo apenas como condutas de depravação e iniquidade.

Concepção que se estende quando referenciado na notícia o uso da cachaça na ocasião, onde também seria diminuída simplesmente ao uso de entretenimento ou devassidão, sendo que a cachaça é utilizada em rituais de religiões de matriz africana como bebida sagrada de caboclos e encantados, de forma que é importante considerar a

15 O termo ladainha pode ser compreendido com mais de um sentido, segundo a definição do dicionário refere-se a “forma de oração dialogada em que os fiéis se ocupam das respostas, uma vez que o sacerdote recita uma frase e os fiéis recitam a seguinte, e assim por diante” — prática que também poderia se encontrada nas manifestações religiosas negras — sendo também associada ao canto inicial para abrir a roda de capoeira. Ambos se correlacionam nas manifestações negras, que também contavam com matrizes católicas, em um cenário que intercalava este uso com a prática da capoeira, que era um importante instrumento que interligava preceitos religiosos, saber popular, folclore africano e brasileiro. Em distintos sentidos, importantes recursos para aproximação dos sujeitos negros de suas crenças e sociabilidades. DICIO. “Ladainha”. [2019?].

16 *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 11 dez. 1884. p. 3.

realização dos rituais e manifestações festivas como um meio de diálogo com as crenças e tradições negras. Apesar disso, percebe-se que a população negra já ocupava os espaços, se articulava e ativava suas convicções mesmo antes da solidificação da abolição e antes do estabelecimento da República, período da concretização da liberdade religiosa e a separação entre a Igreja Católica e o Estado.

No contexto das Américas,¹⁷ a comunidade negra já marcava presença no campo musical e político. Ao redor do mundo a música e a dança de descendentes africanos ganhava destaque, paralelamente, era alvo de teorias racializadas e racistas que aumentava a crença na inferioridade dos não brancos. Contudo, a manutenção da luta de homens e mulheres negros dançando, festejando e se articulando politicamente para a garantia de direitos mesmo frente a um panorama opressor, foi crucial para que se garantisse maior acesso à cidadania e visibilidade posteriormente no pós-abolição.

Catarina Lavezzo¹⁸ traça uma narrativa rica ao abordar sobre as festas do império, discutindo como se organizavam as categorias presentes, os interesses que eram refletidos, assim como as dinâmicas de realização das festividades em Ouro Preto. Entretanto, pensando que neste momento se partilhavam normas comuns no contexto nacional, tópicos se relacionam com a vivência de outras cidades, como também trabalha Janote Marques, tratando sobre *Festas de negros em Fortaleza — Territórios, sociabilidade e reelaboração (1971-1900)*.¹⁹ Importante considerar que eram as festas religiosas que se conectavam vários grupos sociais, mas sobretudo, mantinham vivas as crenças e agências de homens e mulheres negras. Como é o caso das manifestações religiosas, que entrecruzam elementos da ordem católica com elementos da cultura negra, na coroação de reis e rainhas, a organização dos negros em irmandades religiosas — garantindo maior autonomia aos sujeitos e juntamente conectando-os no meio social — ou tão somente nas festividades a parte do teor religioso — como existiam os batuques. Ações que integravam, socializavam e mantinham viva a cultura e crença negra.

Antes do estabelecimento da ordem republicana, o meio social já era alvo de transformações que circundavam principalmente os turbulentos anos finais que caracterizariam o Império. Com o estabelecimento da república, se manifestaram não somente alterações no mundo urbano, como também mudanças comportamentais que

17 ABREU, M. *Da senzala ao palco: canções escravas e racismo nas Américas, 1870-1930* [recurso eletrônico]. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2017.

18 LAVEZZO, C. Q. de. *“As festas do Império”: a organização da cidade para os dias festivos*. Monografia (Bacharelado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Ouro Preto, 2003. p. 37.

19 MARQUES, J. P. *Festas de negros em Fortaleza territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900)*. Dissertação (Mestrado) — Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008. p.13.

buscavam moldar o corpo social, com muitas influências no ideário civilizacional francês. Normas, sentimentos e comportamentos foram estabelecidos pelo surgimento de uma mentalidade burguesa pautando as ações a serem preservadas pelos integrantes desta classe.

A mulher de elite deveria agir de acordo com a moral preservada na sociedade, cumprindo com o papel de “esposa e mãe de família burguesa”, atentando ao cuidado aos compromissos sexuais com o marido, observando a educação das crianças, o comportamento e castidade das mesmas.²⁰ Contudo, Joanna Pedro²¹ ao desenvolver seu estudo com mulheres em Desterro/Florianópolis, aborda que, tais preceitos quando atingia as camadas populares não foram facilmente assimilados, visto as dissonâncias que as vivências dos populares ativavam. Além do mais, ainda que fosse presente uma existência com pesos diferentes “comprados” as mulheres pobres, este ideal iria encontrar resistência de ser seguido também entre mulheres de classe média e de elite. Observando que as convicções normativas preservadas pela ordem republicana seriam muito almejadas na sua teoria, porém indesejadas por uma parcela no meio social.

Prevalencia sobre as mulheres negras o olhar de desprestígio, mentalidade que era expressa nos jornais. Porém, se for feito o exercício de enxergar nas entrelinhas dos escritos publicados é possível perceber que essas mulheres negras ainda que marcadas por este olhar de desvalor, se mobilizaram e organizavam-se socialmente garantindo sua sobrevivência em ofícios alternativos mesmo que com baixo valor social como: “vendedoras de rua, artesãs, tecelãs entre outras atividades informais” como destaca Yarácê Rego²² através da obra de Maria Odila Leite Dias no contexto da cidade de São Paulo.

De maneira semelhante são encontrados registros que demonstram a presença ativa dessas mulheres na cidade de Belém, sendo até referenciadas nos versos dos literatos anos seguintes da abolição da escravatura e início do governo republicano. icente Salles nos informa sobre as lavadeiras da Campina — bairro de Belém — , onde estas mulheres — grande parte pretas e mulatas — , “se organizavam em uma espécie de sociedade chamada de talheiras”,²³ neste grupamento também buscavam maneiras de se

20 D'INCAO, M. Â. “Mulher e família burguesa”. DEL PRIORE, M. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 223-240.

21 PEDRO, J. M. *Mulheres fáladas e mulheres honestas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1998. p. 122. apud. CANCELA, C. D. *Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)*. Belém-PA: Açáí, 2011.

22 REGO, Y. M. B. *Movimentos e tensões: experiências de liberdade de afrodescendentes em São Paulo (1880-1900)*. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2018.

23 SALLES, V. *O negro na formação da sociedade paraense: textos reunidos*. Editora Paka-Tatu, 2004. p.154.

fortalecer em conjunto além de garantir a execução de seu trabalho, sobretudo relacionado a proteção de seu salário. Salles e o poeta Eustachio de Azevedo reiteram que as talheiras também participavam de festas populares, como Carnaval e a festa do Divino Espírito Santo. Estas mulheres “trabalhadoras e alegres” chamam atenção não apenas para a pesquisa histórica, mas antes disso já tinham despertado interesse de músicos e literatos, como Waldemar Henrique, Arthur Vianna e Bruno de Menezes que já dedicaram versos em suas produções, como:

“O mastro do Divino
Lavadeira da Campina
Lavadeira!
Lava roupa sem sabão,
Lavadeira”²⁴

Em relação às pressões sociais relativas ao casamento ou envolvimento amoroso com mulheres negras, não priorizavam estratégias políticas e econômicas — aumentando a probabilidade de envolvimento com um par da mesma condição social —,²⁵ paralelamente, o fator da raça seria um entrave. No decorrer da narrativa histórica da população negra, muitas vezes, mulheres de camadas mais baixas foram desvalorizadas, para mulheres negras, era somado a herança deixada pelos anos de escravidão: a desvalorização de sua humanidade. Mesmo com o fim da escravidão legalmente se herdaria a representações dessas mulheres como: lascivas, raivosas e de caráter duvidoso — como vai ser mais detalhado no decorrer do trabalho — sob a perspectiva do olhar branco, um enlace amoroso com estas, seria encarado com um tom de zombaria ou até mesmo, seria focado no aproveitamento de seus corpos.

Na publicação de 1887 do jornal *Diário de Notícias* intitulada “AS MULHERES”, é narrado um conto sobre a criação. Quando o homem já era presente na terra, Deus decidiu dar-lhe uma companheira, formando-a representando o que há de mais agradável na natureza. Foi moldada a partir dos raios de sol, as nuvens e a neve branca; com os olhos azuis, os cabelos dourados da cor do outono. Essa foi a mulher que foi corrompida após a interferência de Satanás, transfigurado em uma serpente negra, quando os cabelos da mulher passaram a ter a mesma cor da serpente. Após a intervenção de demônio, Deus volta a criar outras mulheres no mesmo molde anterior,

24 MENEZES, B. de. *Poesia*. Belém: Typ. Guará, 1931. p.131.

25 É válido pensar que ainda que o envolvimento amoroso de pares das camadas mais pobres tivesse a carga de desprestígio visto os preceitos normativos que a república privilegiava. Tais enlaces se tornavam crucial ao pensar que a partir dele podem se manter vivas tradições e referências culturais. Fazia-se assim valer também para a classe trabalhadora e não branca um viés de estratégia e afeto.

colocando uma anjo para vigiar o paraíso, no entanto, Satanás na sua forma mais bela, de cabelos louros, volta a importunar tocando as moças loiras. A partir deste momento, estas são corrompidas, quando Deus se faz presente tentando mediar a situação:

De *Diário de Notícias*, 1887, Edição 00079, p. 2:

Uma das mulheres, a primeira ficou clara como era; porém, os cabelos bellos não mais ficavam louros, nem os olhos, ficaram azues.

O anjo deixou-a com os cabelos e olhos pretos.

Passou á outra; mas a esta apenas conseguiu torna-la d’um claro roseo, e, como os cabellos não estavam muitos negros, conseguiu fazel-os ruivos. Os olhos, felizmente, não sofreram alteração.

A terceira, o anjo conseguiu somente deixá-la no côr de jambo. Esta ficou com os cabellos pretos e os olhos d’um brilho tão profundo como a superfície d’um lago de água preta

A quarta, ficou ainda mais escura que a terceira, porém mais vermelha, de olhos azuis, e o cabelo preto como as nossas orientaes do Prata.

A quinta, ficou da cor da canela, porém os cabelos ficaram muito ondulados e quase pretos, como o da maior parte das nossas mulatas.

A sexta, não foi possível deixar de ficar preta, com os cabelos torcidos e esturricados.

A que não chegou a ser vista pelo diabo, e que conservara-se louro, apareceu nessa ocasião e ficou admirada pela mudança que sofreram as suas irmãs.

A história narrada no periódico datada de um ano antes do ano da abolição, é útil para exemplificar a multiplicidade estética da imagem feminina, além de demonstrar o ideal de beleza que era reforçado no imaginário da população — fazendo uso de uma linguagem religiosa. O ser mais alto na divindade cristã é o responsável pela criação mais bela, uma mulher branca, de cabelos loiros e olhos azuis, enquanto apenas pela interferência maligna são apresentadas características que viriam a compor esteticamente as mulheres negras. Isso moldava e perpetuava a concepção racista de desprestígio da mulher negra em relação à mulher branca.

Na segunda metade do século XIX, a movimentação antirrepública que fora feita pelos grupos negros como uma estratégia de sobrevivência em meio a esta conjuntura, impactava a sustentação da estrutura escravista. Tendo evidência neste período a baixa no número de escravos, considerando o aumento demográfico que influenciou na alta da migração, devido a maior ocorrência de fugas assim como: o comércio de escravos para outras localidades e a ampliação do trabalho livre.²⁶ Tentando mediar este panorama e postergar a abolição plena, leis foram criadas concedendo a liberdade

²⁶ CANCELA, C. D. *Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)*. Belém-PA: Açáí, 2011. p.30.

parcial a certos grupos de cativos, como foi “Ventre-livre” (1871) e a dos “Sexagenários” (1885).²⁷ Contudo, estas ações não foram o suficiente para sustentar o sistema escravocrata.

Além do mais, já era latente a defasagem do regime: para sustentar a própria economia do café; os interesses do capital inglês; a insatisfação militar;²⁸ junto da força que ideia republicana iria tomando, através de associações, partidos, clubes e jornais; e principalmente, a atuação de homens e mulheres negros e mestiços que se manifestavam em meio a este contexto afirmando seus interesses. À primeira vista não da maneira tradicional, pública e ordenada nos moldes das associações abolicionistas, contudo, ainda encontravam uma maneira de demarcar sua luta e existência. Sobre a perspectiva de Sidney Chalhoub²⁹ da existência de uma política do cotidiano, para além das afirmações organizadas institucionalmente, é necessário identificar as práticas, analisando as microformas de resistências, e protagonismo no dia a dia.

Importante considerar nesta narrativa a implementação da República com novos ideais progressistas, nacionalistas, buscando “domar” a população pobre urbana e rural, que ainda assim resistia a este processo.³⁰ A exemplo, dentro dos grupos negros, a movimentação do antirrepublicanismo se dava ao temor da República restituir a escravidão, receio este que era fomentado devido ao apoio de fazendeiros escravistas ao novo governo, pois, com o fim da Monarquia e com a perda de seus escravos sem indenização, alguns aderiram ao republicanismo. Além do mais, a pauta sobre a indenização ainda era posta em discussão entre os conservadores (e liberais) posteriormente à promulgação da lei em 13 de maio de 1888, chegando a serem discutidas no Parlamento ações para a manutenção do trabalho servil mesmo durante o

27 A Lei do Ventre-livre, caracterizava-se que todos os filhos de escravos nascidos a partir da promulgação da lei seriam “livres”. Atribuída de um caráter ambíguo quanto à liberdade, pois vão circular questões quanto ao debate político referente a esta legislação. (Ver MODESTO, V. H. do R. “Não há ingênuos e sim órfãos”: menores filhos de libertas no limiar da abolição em Belém do Grão-Pará”. *História Unicap*, v. 5, n. 9, p. 28-46, 2018). Em seguimento, a lei dos Sexagenários, permitiu a liberdade de escravos com idade igual ou superior a 60 anos; quando surge outra problemática, pois nas condições que cotidianamente eram vivenciadas dificilmente alcançariam tal idade. Ambas as leis trabalham com a suposta ideia de liberdade, que era posta em pauta segundo as legislações. No entanto, estas não garantem genuinamente as condições de cidadania e autonomia aos indivíduos.

28 NEVES, M. de S. “Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX”. FERREIRA, J. F. & DELGADO, L. de A. N. (Orgs.) *O tempo do liberalismo oligárquico: da proclamação da República à Revolução de 1930 — Primeira República (1889- 1930)*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p.12-42.

29 CHALHOUB, S. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

30 GUIMARÃES, A. S. A. “A República de 1889: utopia de branco, medo de preto (a liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça)”. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 1, n. 2, 2011. p. 21.

governo republicano.³¹ Pode-se interpretar assim, que a movimentação antirrepública fora feita pelos grupos negros como uma estratégia de sobrevivência em meio a esta conjuntura.

Adentramos, portanto, em um novo momento na trajetória histórica, o ano de 1888, quando o progresso e a “iluminação das ideias” já seriam almejados — marcando conjuntamente os últimos anos da ordem imperial —, sendo este o momento de destaque que se instituiu oficialmente a abolição da escravatura em 13 de maio do mesmo ano. A abolição da escravidão não significa dizer que a população negra e mestiça livre teria direitos, existência e autonomia reconhecidos na prática. Por mais que pareça contraditório, é fácil imaginar que as ações futuras seriam pensadas e criadas sendo relativas à libertação dos próprios cativos. Entretanto, outros sentidos entraram em disputa, tendo em vista a série de instabilidades do Império e a tentativa de sustentação desse regime — através de leis gradualistas da base de sustentação do mesmo, que era a escravidão —, se via mais uma estratégia governamental em meio ao jogo político. A instalação da ordem republicana no Brasil continuou preservando a manutenção dos privilégios de uma minoria.

Antônio Guimarães³² disserta que nesta passagem de governo, os sentidos de liberdade seriam distintos. A liberdade para os recém-emancipados circulava em torno da ideia de cidadania e igualdade de direitos, enquanto que para integrantes da classe mais afortunada da sociedade, que já tinham a garantia de seus direitos civis desde o Império, girava em torno de “aspirações de igualdade política e social”. Em outros termos, a abolição foi mais referente à pauta de direitos individuais e não à garantia de cidadania aos indivíduos recentemente libertos. Ainda mais, estas pretensões fundamentadas desde os anos do Império, no entanto sendo consolidado no próximo governo, faria parte de um ideal embasado na civilização europeia, moldado apenas para uma elite que iria se apropriar da ideologia positivista republicana utilizando como estratégia para estruturar a política de reconstrução nacional.

31 FERNANDES, M. F. L.. “Os republicanos e a abolição”. *Revista de Sociologia e Política*, 2006. p. 183. A respeito dos conflitos no pós abolição, pode-se consultar os seguintes trabalhos: REIS, J. J.; SILVA, E. *Negociação e conflito: a resistência escrava no Brasil escravistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; MATA, I. M. “Libertos de treze de maio e ex-senhores na Bahia: conflitos no pós-abolição”. *Afro-Ásia*, n. 35, p. 163-198, 2007.

32 GUIMARÃES, A. “A República de 1889: utopia de branco, medo de preto (a liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça)”. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 1, n. 2, 2011. p. 19.

Wlamyra Albuquerque³³ traz à tona que o processo de racialização,³⁴ envolvendo estruturas governamentais e estatais³⁵ foi desenvolvido e pode ser exemplificado no próprio marco da libertação dos cativos. Assim a concretização da abolição seria posta sobre a perspectiva de uma “raça emancipadora” — composta por uma elite sustentada por abolicionistas brancos — e a “raça emancipada” — os recém libertos —, significando dizer que, a raça emancipadora seria quem proporcionou a liberdade, subalternizando e tolhendo a atuação da raça emancipada — os não brancos e ex-cativos. Narrativa esta que estaria sustentada pelo discurso de aprimoramento das ideias, visto o novo momento político, mas que na realidade ocultaria preconceitos e sustentaria privilégios.

Foi feita a abolição: comemorações e representações entre a elite e as camadas populares em 1888.

Os jornais além de divulgar acontecimentos do cotidiano economia e política, atuavam como veiculadores de opiniões, sendo mais um instrumento que demonstrava a lógica hierárquica que beneficiava as elites brancas. A causa abolicionista seguia ganhando força no decorrer da década de oitenta, ativando intelectuais brancos e negros que se debruçavam a lutar pela causa, entretanto com inclinações distintas. Vicente Salles exemplifica tal situação ao citar o desprezo que foi alvo o intelectual negro João da Cruz do Rego no periódico *Diário de Notícias*, em 1882, onde nos escritos é solicitada a cassação do “negro mais petulante”. Demonstrando que mesmo com todo o empenho da luta abolicionista, ainda eram marcantes os desafios recorrentes: “o racismo e os preconceitos de classe gerados pela sociedade escravista.”³⁶

Desta forma, a atuação de negros em papéis ativos na luta abolicionista não ganhava tanta notoriedade nos escritos vinculados. Pelo contrário, as associações abolicionistas brancas eram as que recebiam esta visibilidade, sendo tidas como protagonistas³⁷ do movimento — o que não torna inviável pensar no papel dos negros neste momento trabalhando a partir da ausência ou pensando nas entrelinhas dos

33 ALBUQUERQUE, W. R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

34 Seguindo a perspectiva trabalhada pela autora que caracteriza este processo como uma construção ideológica por um viés que visava classificar a sociedade sob princípios raciais dentro de uma lógica hierárquica que privilegiava as elites brancas.

35 LIMA, H. E. “O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil” [resenha]. *Perseu: História, Memória e Política*, n. 04, 2009. p. 247.

36 SALLES, V. *O negro na formação da sociedade paraense: textos reunidos*. 2ed. Belém-PA. Editora Paka-Tatu, 2015, p. 80.

escritos nos periódicos —, que culminou no 13 de maio de 1888. Nas atividades das associações são ressaltadas as atividades da Liga Redemptora, uma organização que aparece com recorrência nos jornais analisados, principalmente no periódico *A Província do Pará*, liderada pelo conselheiro Tito Franco e composta pelos “mais altos personagens dos nossos partidos políticos, advogados, médicos, magistrados, engenheiros, militares e artistas”³⁸ — como eram descritos no jornal.

Sendo o 13 de maio um grande marco na história da nação, este acontecimento tomaria outra interpretação pela classe dominante, como foi dito, assumindo o papel de protagonistas, seria estabelecida uma visão paternalista a este momento. Como a própria historiadora Wlamyra Albuquerque trabalha de maneira detalhada em “O jogo da dissimulação: Abolição e cidadania negra no Brasil”,³⁹ ainda que houvesse a participação de abolicionistas brancos em favor da libertação dos escravizados, estes intelectuais brancos ainda atuavam em favor da sua classe e raça, garantindo seus privilégios e reproduzindo o racismo nas suas falas e atitudes sendo explícitos ou não. Como pode ser observado no caso citado anteriormente do abolicionista João da Cruz do Rego em meio ao grupo de demais abolicionistas brancos, e em larga escala nas publicações e discussões sobre a abolição publicadas nos jornais, onde a população negra não é vista como agentes que lutavam em favor da abolição. Assim se constrói a “dissimulação” referenciado por Wlamyra, os sujeitos escondem e as verdadeiras intenções.⁴⁰

O sentimento de aversão que seria supostamente anterior a abolição — na realidade, camuflado e mantido — estaria convertido em um ato de benevolência que representaria a libertação. Pois “a ideia abolicionista e os generosos sentimentos de humanidade existem bem plantados no coração do povo paraense; que a escravidão é um mal, que todos querem evitar e que incomoda a todos”⁴¹ — esta atitude de generosidade que queria expurgar o mal, na prática beneficiaria os privilégios dos mais

37 Termo usado em equiparação ao processo que também foi vinculado nos jornais da imprensa fluminense, averiguado por Renata Moraes ao trabalhar com as festas da abolição no Rio de Janeiro. Também quando os jornais podiam ser um mecanismo de controle das notícias e processo, e neste em questão, foram delegados que seriam os protagonistas — ou seja, os proativos e responsáveis — e os passivos no processo de garantia e de comemoração da abolição da escravidão.

38 *A PROVINCIA DO PARÁ*, 07 abr. 1888. p. 2.

39 ALBUQUERQUE, W. R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. Companhia das Letras, 2009.

40 LIMA, E. “O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil” [resenha]. *Perseu: História, Memória e Política*, n. 04, 2009.

41 *A PROVINCIA DO PARÁ*, 07 abr. 1888. p. 2.

abastados e invisibiliza os libertos, que seriam apenas personagens passivos no grande evento⁴² que foi a abolição da escravatura.

Estes que vão se fazer presentes nas reuniões para discutir o projeto da abolição, assim como nas comemorações feitas pela Liga. À medida que nas comemorações cívicas destaca-se: que tinham ocorrência em praças — onde também faziam uso dos coretos, locais recorrentes na concentração do contingente de pessoas na praça da Independência⁴³ —, contava com a presença de organizações contra a escravidão⁴⁴; declaração de poesias; enfeite e iluminação de ruas, casas e prédios públicos.⁴⁵ Compondo a ocorrência de variadas procissões cívicas e passeatas pacíficas e sem danos, ao som das bandas marciais e os foguetes que despontavam nos ares.

Este evento teve manifestações por toda a extensão do território, desde os interiores até os pontos urbanos.⁴⁶ Em tais acontecimentos eram presentes as características apresentadas anteriormente, mas a para além disso, caracterizava-se por aglutinar um grande contingente de pessoas, quando em uma comemoração no dia 18 de maio foi estimada a presença de 5.000 pessoas que festejaram dentre o “corpo comercial”, na praça do comércio. Posteriormente em uma procissão cívica: na praça da Independência, às 7 horas da noite, se dissolvendo por volta das 10 horas. Onde estavam presentes as bandas de música do 15º Batalhão de Infantaria; lojas maçônicas, comissões do comércio e os jornais. Um festejo “sem distinção de classe e nacionalidade”, porém, não é detalhada a presença das camadas populares ou manifestações das mesmas, para além de menções da presença de indivíduos “de todas as classes.”⁴⁷ Evidenciando nos discursos vários “vivas” a distintos grupos da sociedade, porém, nenhum momento citando a presença negra na luta.

Como é possível notar, as comemorações eram frequentes e os festejos não se prenderam apenas ao 13 de maio. Os desdobramentos das festas também foram apresentados na *Província do Pará*, quando no dia 20 de maio se observa uma coluna no periódico que relata uma crônica sobre este cenário, ao contrário do que estava sendo comumente apresentado no jornal, agora se via um relato queixoso das próprias comemorações abolicionistas. “Para que havia de dar liberdade!” era como iniciava o

42 Usando tal termo pois a apresentação da abolição é mais demonstrada como espetáculo com circulação de interesses.

43 *A PROVINCIA DO PARÁ*, 09 maio 1888. p. 3.

44 *A PROVINCIA DO PARÁ*, 12 maio 1888. p. 2/

45 *A PROVINCIA DO PARÁ*, 15 maio 1888. p. 2.

46 Como foi o caso de outras localidades como Rio de Janeiro, Maceió, Bahia, Fortaleza, e no Norte, a povoação de Mosqueiro e na cidade de Vigia.

47 *A PROVINCIA DO PARÁ*, 18 maio 1888. p. 2.

discurso, referindo que desde que se efetuou a abolição, vários foram os eventos que se “inventaram” (passeatas, discursos, flores, luminárias, festas graças o tal feito. Tendo aqueles que passam horas pensando em como “descobrir novas espécies de divertimento”. Sendo presente aqueles que gesticulam de casa em casa “onde encontram conhecidos, narrando proezas que fizeram na festa que passou, e dizendo o que vão de fazer na outra que há de vir”.⁴⁸ Nos periódicos se encontrou não apenas as oposições contra as festividades assim como os próprios contrários à lei, mesmo após a sua efetivação, denominados de “escravofóbicos”, resistiram em conceder a liberdade aos escravos, como é o caso da senhora Leopoldina Corrêa d’Albuquerque, do senhor Raymundo da Cunha Oliveira, que resistiam em entregar os filhos de uma escravizada de nome Jacintha.⁴⁹

Assim como anteriormente ao 13 de maio ocorriam tentativas de ocultar ou mostrar a presença e a atuação da população menos favorecida, negra e mestiça, isso ainda vai se sustentar posteriormente. Porém, isso não significa dizer que estes indivíduos não deixariam de demarcar a sua agência e autonomia. Assim como se pode observar na denúncia publicada no *Diário de Notícias*, intitulada “Foco de imoralidade”,⁵⁰ que em uma “pandega”, reunia “umas mulheres de má vida, as quais quando tomam a premiada, ficam que ninguém pode aturar”, quando estas se juntavam frequentemente aos domingos no “cortiço Corta braço”⁵¹ causando desordem. Esta notícia é publicada cinco dias após a declaração de libertação plena dos escravos no Brasil, observa-se que a vigilância contra atitudes que se desviam dos “bons modos” na realidade tentavam tolher a independência das camadas populares, principalmente das mulheres de comemorar ou entreter, ainda se faziam presente no começo deste “novo tempo”.

Em 1888, passa a circular na cidade de Belém a obra de Luís Demétrio Juvenal Tavares: “A Viola de Joana”. O simpatizante das ideias socialistas vai compor sua obra

48 *A PROVINCIA DO PARÁ*, 20 maio 1888. p. 3.

49 *A PROVINCIA DO PARÁ*, 22 maio 1888. p. 3.

50 *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 18 maio 1888. p. 2.

51 Lembrando que com as reformas empreendidas pelo poder público — em diálogo com os interesses da elite —, não era levada em consideração a diversidade de vivências e territorialidades das camadas populares, ao ponto que, os cortiços representavam um obstáculo, pois eram foco daquilo que não era condizente com os novos ideias e interesses: baixo saneamento e concentração de manifestações culturais de “desordeiros” — na realidade, de indivíduos menos abastados, onde também reunia uma parcela da população negra que fora obrigada a se deslocar para espaços mais baratos devido o desenvolvimento do centro comercial de Belém. Ativando e vivenciando este local não só pela sua existência como pelas suas tradições e batuques. Ver SARGES, M. de N. dos S. *Memórias do “velho” intendente: Antonio Lemos — 1869-1973*. Tese (Doutorado) — Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Campinas, São Paulo, 1998; PANTOJA, L. S. *Au jour le jour-cotidiano, moradia e trabalho em Belém (1890-1910)*. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2005.

com as denominadas “modinhas”, sendo poemas e prosas que eram publicadas no jornal *Diário de Notícias*. Logo na parte inicial do livro o autor demarca que: esta publicação é destinada a propagar-se em meio aos populares, e a inspiração para a escrita dialoga com uma ficção, no entanto, está bem próxima da realidade. Essa proximidade é observada na obra ao analisarmos as ideias e valores preservados pelo autor, junto das considerações que a abolição da escravatura que vai ser refletida em seus escritos, permitindo com que se tenha um panorama da representação da mulher na sociedade do momento em que foi produzido o livro. A obra começa a ser produzida anteriormente à abolição e no decorrer do livro é possível observar que ocorre a deflagração da escravatura, que também vai orientar a produção dos escritos. Ao examinar a obra pode-se destacar duas abordagens, na primeira, o poeta vai falando com a mulher do povo relatando sobre as questões da sua época, apresentando queixas, ambições, prazeres e declarações a sua “musa”.

Na segunda, percebe-se uma virada com a influência que o 13 de maio de 1888 vai reverberar, quando estará presente nos relatos do poeta considerações sobre esta data. Porém, ainda mais interessante, a obra finaliza com o relato de Joanna a respeito das novidades de seu tempo, como telefone, o dono da casa grande onde trabalha e propriamente o fim do trabalho servil forçado, quando esta foi informada pelo seu senhor tendo assim a necessidade de contatar sua colega sobre o grande dia. No momento final da obra, a mulher que no decorrer do livro todo era apenas chamada de “Jonna”, ganha um complemento de título, passando a ser “Joanna 13 de Maio”. Ainda que os indícios de tratamento dispostos no decorrer da obra dessem a entender que o autor estava se referindo a uma mulher negra, nos seus versos finais a alcunha dada pelo autor a sua “musa” ratifica que ele estava se referindo a uma mulher negra e escravizada.

MODINHA II

MULATA — sangue de gato,
 Mulata — sangue sem lei,
 Se tu queres ser rainha,
 Toma o meu ceptro de rei.

Verás, mulatinha bella,
 Que varinha de condão!...
 — Faz esquecer o captivo
 As dores da escravidão;
 Faz desprezar os deleites
 Da próxima Redenção.⁵²

52 TAVARES, J. “A viola de Joanna”. *Modinha II*. Belém: Typografia do Diário de Notícias, 1888.

Nos versos escritos pelo poeta no decorrer do livro são fartas as descrições das “mulatas” — a maneira depreciativa que eram intituladas — apresentando seus atributos corporais e expertise que atrai a fascinação e induz o homem na relação a sucumbir aos prazeres carnavais, assim como, serão feitas várias alusões fálicas como são demonstrados nos versos acima, além das diversas alusões que idealizam possuir as partes íntimas da mulher. Ainda que o autor distinguir-se da maioria dos homens de sua época ao já vislumbrar as faces da abolição dos cativos, na sua obra ainda pode-se observar o racismo e machismo através das “declarações” do poeta que perpetuavam uma concepção que corrompia a imagem da mulher negra no meio social. Através do olhar dominador e branco dentre as inúmeras referências ao seu corpo e atributos, em grande parte estes só vão ser preteridos na jovialidade, com a chegada da velhice e suas penúrias, essas mulheres eram consideradas descartáveis, não mais símbolos de beleza — ainda que marginalizada —, mas sim um entrave, tendo que viver na solidão junto do seu senhor que a desprezava. Assim é descrito na “Modinha XXIV”: “Doem-te os braços, doem-te as pernas, / Doem-te a cabeça e a barriga.../ Um ninho de reumatismo / Onde a dor cruel se abriga... / Se é pra viveres na cama, / Vai pra o céu, pois Deus te chama.”⁵³

Mesmo com um encargo opressor, o poder dos senhores e da ordem normalizadora, estes fatores não se deixariam de ser questionados por estas mulheres, se apropriando ou até subvertendo tais atribuições sobre elas feitas — como vai ser possível detalhar posteriormente. A abolição já era anunciada nos versos, visto a força que o movimento ia ganhando, para mais, serviu para que estas mulheres pudessem demarcar sua autonomia, tanto que, na obra vão ser apresentados dois polos a respeito dos resultados da abolição. Na *Modinha XII*, podemos contemplar a felicidade do eu lírico com a liberdade que Joanna pode tomar posse neste momento não só com o ventre livre, mas emancipada em pensamento e corpo, primando pela sua independência:

MODINHA XII
 Minha Joanna está livre,
 Livre, como o vento;
 Livre como o pensamento
 Não é só o ventre d'ella
 Que goza da liberdade;
 Da cabeça até aos pés
 Ela é sua propriedade

53 TAVARES, J. “A viola de Joanna”. *Modinha XXIV*. Belém: Typografia do Diário de Notícias.1888.

Quando quer, dar passeios;
Vai aqui, vai acolá;
Acabou-se a nhanhá velha,
Não conhece mais sinhá
[...]

Percebe-se exaltação da liberdade da mulher, contudo, é preciso levar em consideração que a sua existência ainda vai estar presa a estereótipos. Porém, por mais que as tentativas de subalternização de seu corpo e pensamento sejam a realidade do discurso de emancipação, estas mulheres tomavam essa situação de maneira subversiva a esta “condição”, apropriando e protagonizando-a. Contudo, esta não seria uma atitude que iria agradar quem detinha poder sobre essa mulher ex-cativa que neste momento assumia uma nova condição social.

MODINHA XVIII

Vá para o inferno a lei de maio
Que aboliu a escravatura

Quando a linda Joanninha
Era escrava, sim, senhor!
Me dava muitos presentes,
Sem exigir-me um favor.

Hoje...adeus, bela vidoca!
Quer dinheiro e mais dinheiro;
Passa a mão na liberdade,
[...]

Observa-se o descontentamento com o cerceamento desse domínio sobre a mulher negra que tanto era usufruído anteriormente. Sendo que agora os toques em Joanna que antes aconteciam apenas pela vontade do dominante não serão obtidos facilmente devido ao enclausuramento. Com a deflagração da lei, se tem um instrumento para que Joanna possa recusar as vontades daquele que a “comandava” anteriormente.

Letícia Pantoja discorre sobre as relações sociais e a estruturas familiares na república, salientando que o advento do ideal de modernidade⁵⁴ — quando exaltavam

54 PANTOJA, L. S. *Au jour le jour-cotidiano, moradia e trabalho em Belém (1890-1910)*. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2005. p. 70.

principalmente os valores da família, o trabalho formal junto da disciplinarização dos hábitos e da moral —, também precipitou uma relação de perpetuação das diferenças de gênero como forma de integração de funções e deveres inatos ao sexo.⁵⁵ Tais considerações reforçavam o imaginário de mulheres frágeis e emotivas sendo estas encarregadas dos serviços do lar, acompanhando os maridos em cerimônias públicas ou privadas — também dentro do espaço doméstico.

Da mesma forma, estas concepções orientavam como as mulheres ocupavam e se movimentavam nos espaços da cidade. Quando as mais abastadas que caminhavam por praças e largos, era ressaltada a questão de sempre estarem acompanhadas, na presença de alguém aprovado dentre as normas sociais. Enquanto para as mulheres das camadas menos favorecidas, que vagavam sozinhas ou transitavam em busca do sustento ou lazer, eram vistas com algum desvio de caráter, acentuando que em relação às mulheres pretas era posto em foco o teor de imoralidade de seus corpos e atitudes, quando afirmavam pela sua autonomia que estas buscavam afirmar em seu cotidiano.

Cristina Cancela aponta que as demais atribuições embasadas em um ideal dito modernizador, continuavam a ditar as normas entre os papéis sociais no meio urbano. Sendo possível observar o desgosto referente às práticas das “melindrosas” se referindo às jovens que “frequentavam as festas, matinês de cinema e o footing, flertando com vários rapazes sem igualmente assentar-se com nenhum”.⁵⁶ Dessa forma se observada uma autonomia que não é compatível com as pretensões do poder moralizador local.

Quando se observa as próprias movimentações para as comemorações à abolição, se encontrou que as mulheres estavam presentes. Das janelas no bairro da Cidade Antiga, “gentis senhoras” brindavam o comércio com flores e com “sinais de adesão e entusiasmo”, agitando seus “delicados e perfumados lenços”.⁵⁷ E quando se refere aos moradores se movimentando para enfeitar as ruas para as passeatas do dia 13, é presente também a presença das “sras abolicionistas pretendem construir uma guarda de honra que, em carrinhos apropriados e vestidas de branco, farão guarda ao pavilhão da Liga Redemptora.”⁵⁸

55 Pantoja soma que no cenário que as atividades domésticas de gerência da moral íntima da família, preservadora da beleza em contentamento para o marido, sem esquecer da função de reprodução eram incumbidas às mulheres. Cabia ao homem o papel de mantenedor — quando eram estes destinados a ocupar trabalhos industriais e apossar-se de posições de liderança visto o pensamento reproduzido desde a infância.

56 CANCELA, C. D. *Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)*. Belém-PA: Açáí, 2011. p. 288.

57 *A PROVÍNCIA DO PARÁ*, 18 maio 1888. p. 2.

58 *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 08 maio 1888. p. 2.

Mesmo que se tenha encontrado o aparecimento destas, ainda se nota uma hesitação em demarcar a presença dessas mulheres, ainda mais quando estas não eram brancas. Apesar disso, elas se organizavam e se manifestavam. Como é no caso da “Passeata das mulatas” em 1888, que já era planejada a realização de uma grande passeata em comemoração à emancipação, por mulheres pretas — que eram intituladas pelos jornalistas como “mulatas”. À medida que ainda se reuniam dirigindo-se ao palácio do governo para reivindicar uma banda de música para a causa, quando o “exc. sr. Miguel Pernambuco”, as receberia. Dessa maneira se observou que não só essas mulheres existiam para além das — muitas vezes — entrelinhas dos jornais, como se movimentavam e reivindicavam.

A libertação dos escravos foi um marco de grande movimentação e interesses que transitaram neste período, tão grande quanto seriam os desafios do pós-abolição para estabelecer um padrão de cidadãos modelo e ainda mais, de fazer valer a lei que fora aprovada. Um ponto interessante que foi visto no exame dos jornais é que ao analisar o periódico *A Província do Pará*, a citação de negros ou dos próprios batuques era extremamente escassa até o mês de julho. Entretanto, em agosto, período em que as comemorações formais que prevaleciam eram referentes à Adesão do Pará à Independência do Brasil, encontra-se um informe sobre um “bate chinela” na rua d’Alfanma onde um “grupo de desordeiros” insistiam em dar entrada no “forrobodó”, resultando então em pancadaria entre os presentes. Informava-se ainda a ocorrência de incômodos semelhantes, citando uma “pagodeira infernal” que acontecia quase todos os sábados, “rompendo o batuque de uma maneira desbragada”, sendo então um aglutinado de atitudes que incomodavam os residentes que circundavam a localidade, além da representação de uma “falta de termo” e “pouca vergonha.”⁵⁹

Além disso, encontra-se no mesmo jornal o informe de um grande “rolo” na casa de Maria à rua da Conceição, onde havia um pagode, tendo como os provocadores da desordem, quatro imperiais marinheiros. Ambas as notícias publicadas posteriormente a abolição em um jornal que demonstrava a suposta ordem na província, quando mesmo que ocorresse problemas estes iam ser superados pelo intermédio do poder público, com estas notícias apresentadas anteriormente, é demonstrando em contrapartida, que a cidade não se movimentava tão somente como o poder público e as elites almejavam, ela era um espaço onde existiam conflitos, em que onde homens e mulheres se movimentavam e se expressavam, observando então isto através da ocorrência dos batuques e pagodes”, ou seja, indo de maneira contrária às imposições civilizatórias.

59 *A PROVÍNCIA DO PARÁ*, 13 ago. 1888, p. 2.

“Perdidas e desbocadas”: distante do ideal e protagonistas das suas histórias.

Os preceitos civilizatórios republicanos não foram o suficiente para fazer com que a população preta e pobre deixasse de se expressar, da feita que, mesmo após 1888, os batuques não deixaram de acontecer, da mesma maneira que as mulheres negras, “perdidas e desbocadas” nas letras dos jornais, continuavam a se movimentar pela cidade, promovendo seus eventos. Jocélio Santos⁶⁰ afirma que os batuques sempre estiveram sob a vigilância da polícia, no entanto, a possibilidade de controle do corpo policial sobre os eventos festivos e musicais negros era o que diferenciava se a interferência nestas manifestações seria mais intensa. Nesse contexto é retratada por um jornalista a história da “Tia Chica”⁶¹ uma mulher preta, bem quista entre os seus senhores, sendo fundadora do “Cordão das Estrelas”.⁶² Esta também organizava um carimbó nos fundos da sua casa na estrada São Brás, onde ocorria um batuque livre para receber quem se interessasse, na reprodução dos sons e “cantigas antigas” participavam homens e mulheres no tocar do tambor, junto das mulatas que dançavam na roda. Nesta interação em que o álcool era presente e compartilhado entre o público, quando a “Tia Chica” servia e mediava a bebida, atentava-se para que não ocorressem excessos pois “caxaça de mais dá p’ra barulho, e eu não quero que a polícia entre em minha casa”. Assim se observa as configurações de uma festa, que se atenta para manter distante a interferência da polícia, e ainda assim ocorrer os divertimentos.

A casa de Tia Chica é o exemplo de um dos locais que as mulheres pretas ocupavam no meio social, como lideranças ou anfitriãs dos batuques, se articulando nas interações e mediando para que ocorresse de maneira tranquila e para além disso manifestasse as tradições culturais negras. Contudo, as mulheres pretas ocupariam outros locais — socialmente impostos — como já foi citado. A estas seriam atribuídas noções que questionavam seu caráter e estereotipam seus corpos. Quando nas publicações haviam recorrência em pontuá-las como raivosas e imorais, e para analisá-las além destes fatores que eram ressaltados nas publicações pelos jornalistas e escritores, ainda se mantém a perspectiva de que estas mulheres não estariam apenas em uma

60 SANSONE, L. (orgs.) *Ritmos em trânsito: sócio-antropologia da música baiana*. São Paulo: Dynamis Editorial/Salvador: Programa a Cor da Bahia, 1976. p. 15-38 apud. ALBUQUERQUE, W. R. de. *A exaltação das diferenças: racialização, cultura e cidadania negra (Bahia, 1880-1900)*. Tese (Doutorado em História Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2004. p. 186.

61 *FOLHA DO NORTE*, 28 mar.1897. p. 1.

62 Que seria originado após rogar pela cura de uma enfermidade, que em gratidão iria comemorar ao “Menino Deus”, estas seriam as bases para o que viria ser o trabalho anual de percorrer as ruas no Natal entoando cânticos precipitando a busca de um local que suportasse todo o contingente de seguidores para estes pudessem festejar em um baile que fosse até o alvorecer.

posição de passividade a esta imagem, quando podiam tomar estes aspectos de maneira subversiva, busca-se utilizar disso em seu proveito, indo de maneira contrária ao domínio masculino.⁶³ Como já foi mencionado no caso do “Tio Angélico” “creoulo”, detentor de um negócio em que vendia ervas/frutas, cheio de encantos com a freguesia, especialmente, as “mulatas cafuzas” que frequentavam o estabelecimento, que muito o estimavam, mas não cediam a seus galanteios.⁶⁴

Constatou-se a aparição destas em outro grupamento, sendo integrantes da “Irmandade de S. Raymundo”, presidida pelo “mestre Leopoldino”.⁶⁵ Retrato nos escritos dos jornais como uma figura de grande atração e influência dentro do meio social, quando a irmandade que gerenciava contava com “mil e tantas mulheres e um único irmão — o mestre Leopoldino”. Janote Marques, ao trabalhar com as festas de negros em Fortaleza no final do século XIX, já evidenciava a ocorrência dos sambas, congos e coroações de reis e rainhas na Irmandade do Rosário dos Homens Pretos. Ao analisar as festas, entende-se que para além do teor de divertimento, nelas também era um local de encontro de negros, ocorrendo trocas de experiências e acordos, atuando juntamente como instrumento de enfrentamento⁶⁶ além de um diálogo com as tradições e manifestações ancestrais negras.

Entende-se a festa como polo de sociabilidade e complexidades, auxiliando a compreender a atuação da Irmandade S. Raymundo. Tais indivíduos, ou melhor o mestre e as seguidoras, também se articulavam para cumprir com as demandas da irmandade, visto que estas também tinham uma lógica de funcionamento, uma estrutura burocrática a seguir — como estatutos, orçamentos e compromissos. No entanto, no caso do mestre Leopoldino tudo isto era acordado de maneira verbal, “porque não lhe foi dada a ventura de penetrar nos mistérios do alfabeto” — observando uma maneira de subverter a questão da alfabetização que faltava ao mestre. Mas isto não foi fator de impedimento para que ele não se manifestasse de uma maneira ativa, assim se dava o funcionamento da irmandade, observando que também eram partilhadas as decisões no grupo, tendo a possibilidade de escolha e contribuição nas decisões propostas. Assim se observa o grupamento que ainda se manifestava

63 Refletindo tais questões a partir do trabalho da historiadora Martha Abreu, quando examina as canções populares no sudeste do Brasil, é possível evidenciar fatores semelhantes e os demais significados que circundam a temática aqui trabalhada. Ver ABREU, M. “Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos”: conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920)”. *Tempo*, v. 8, n. 16, p. 1-31, 2004.

64 *FOLHA DO NORTE*, 30 abr. 1896. p. 2.

65 *FOLHA DO NORTE*, 03 abr. 1896. p. 2.

66 MARQUES, J. P. *Festas de negros em Fortaleza territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900)*. Dissertação (Mestrado) — Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008. p.13.

ativamente no corpo social, além do que tais mulheres podiam expor suas vontades e interesses em relação à irmandade.

Observa-se que além de atuarem como integrantes das irmandades participavam de outros eventos religiosos e festivos. Como é o caso da festa promovida pela “tia Mathilde”,⁶⁷ uma festa anual em honra a “N.S. da Conceição”, que abarcava em comitiva todos que tivessem interesse, com destino para o rio Tucunduba no propósito de fazer caridades. Todo este itinerário que iniciava no raiar do dia, com o cair da noite terminava em um grande baile que entrava à madrugada na qual as “mulatas” não deixavam de comparecer. Percebendo desta forma que estas mulheres negras se movimentavam e se articulavam em distintos momentos e ocasiões.

Considerações finais

A concretização da abolição da escravatura e anos depois o estabelecimento da República foram marcos significativos na mudança da estrutura econômica, política e principalmente social, trazendo em evidência normas civilizadoras com o propósito de moldar os habitantes, práticas estas que não consideravam a diversidade étnica e invisibilizavam a população negra. Contudo, mesmo que fossem feitos esforços para sustentar estes interesses, a população pobre e não branca não atuou neste processo de maneira passiva. Nas entrelinhas dos jornais os mesmo que nos recortes que podiam passar despercebidos inicialmente, estavam presentes e protagonizavam de maneira subversiva a história, pode-se observar isto através de suas práticas festivas e musicais, defendendo sua existência e suas tradições. E diferentemente das concepções que eram atribuídas aos seus corpos e ações destes indivíduos que apropriaram outros usos. Assim, percebe-se a atuação das mulheres em vários campos, ocupando locais variados indo além dos estereótipos e papéis socialmente estipulados. Eram homens e mulheres que se movimentavam, consumiam e vivenciavam a cidade atrelando a isto, suas práticas e vivências.

67 *FOLHA DO NORTE*, 07 maio 1896. p. 1.